TEXTO E ENSINO DE LEITURA: "ORA CAMALBA DE DIE OU O DRAGÃO" EM SALA DE AULA

Dennis CASTANHEIRA[1]
Universidade Federal Fluminense (UFF)
denniscastanheira@gmail.com

Margareth MORAIS[2]
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)
margareth.morais@ifrj.edu.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal fomentar um trabalho mais qualificado com a leitura na sala de aula, por meio de um olhar metodológico com atividades pré-textuais, textuais e pós-textuais. Como referencial teórico, foram utilizados os pressupostos da relação entre Texto, Leitura e Ensino (Koch, 2002; Koch; Elias, 2009; Santos; Cuba Riche; Teixeira, 2012), a fim de embasar um trabalho centrado nos efeitos de sentido e na interpretação. Para isso, utilizamos a história "Ora Camalba de Die ou O Dragão", presente no premiado livro *Que história é essa?*, escrito por Flavio de Souza, ilustrado por Pepe Casals e publicado pela Companhia das Letrinhas. Nessa, é contada a narrativa de um famoso conto de fadas sob a perspectiva de um personagem coadjuvante: o Dragão. Como resultado deste percurso, foram elaboradas atividades que podem ser aplicadas no contexto do 6º ano do Ensino Fundamental II.

PALAVRAS-CHAVE: Texto; Ensino; Conto de fadas.

TEXT AND READING TEACHING: "ORA CAMALBA DE DIE OU O DRAGÃO" IN THE CLASSROOM

ABSTRACT: This article's main objective is to encourage more qualified work with reading in the classroom, through a methodological approach with pre-textual, textual and post-textual activities. As a theoretical reference, the assumptions of the relationship between Text, Reading and Teaching were used (Koch, 2002; Koch; Elias, 2009; Santos; Cuba Riche; Teixeira, 2012), in order to support a work centered on the effects of meaning and the interpretation. To do this, we used the story "Ora Camalba de Die ou O Dragão", present in the award-winning book What a story is this?, written by Flavio de Souza, illustrated by Pepe Casals and published by Companhia das Letrinhas. In this, the narrative of a famous fairy tale is told from the perspective of a supporting character: the Dragon. As

---

[1] Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense.

[2] Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de Língua Portuguesa e suas Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

a result of this journey, activities were developed that can be applied in the context of the 6th year of Elementary School II.

KEYWORDS: Text; Teaching; Fairy tales.

1 INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios para o ensino de língua portuguesa e de literaturas atualmente é a questão da leitura (Castanheira; Santos, 2022; Morais, 2017; Santos; Cuba Riche; Teixeira, 2012). Apesar dos muitos caminhos já traçados, ainda há muitos problemas relacionados a como ensinar em contextos sociais e pedagógicos cada vez mais desafiadores, que incluem, entre outros fatores, o advento da internet e os avanços das novas tecnologias.

Neste artigo, nosso objetivo é apresentar propostas para o ensino de leitura no 6º ano do Ensino Fundamental II em sala de aula por meio da história “Ora Camalba de Die ou O Dragão”. Essa faz parte do premiado livro de literatura infantil *Que história é essa?*, que já foi estudado por outros autores (Castanheira, 2023a; Santos; Cuba Riche, 2016). Escrita por Flavio de Souza, ilustrada por Pepe Casals e publicada pela primeira vez em 1995 pela editora Companhia das Letrinhas, a obra recorre a diversas intertextualidades na tessitura da sua narrativa ilustrada.

De forma geral, podemos afirmar que esse livro conta várias histórias que atualmente estão ligadas ao universo infantil. Seus títulos são sempre anagramas dos conhecidos pelo público em geral e, por isso, tendem a gerar curiosidade nos possíveis leitores que não sabem de qual história se trata. A narrativa é contada sob o ponto de vista de um personagem secundário ou que não entrou na história e, por essa razão, tende a não ser lembrado ou conhecido pelas pessoas em geral.

Para que exploremos a obra em relação às suas aplicabilidades pedagógicas, utilizaremos a metodologia de pesquisa-ação, com atividades pré-textuais, textuais e pós-textuais, visto que iremos propor ideias de aplicabilidade prática a uma questão social vigente. Além disso, do ponto de vista teórico, recorreremos aos trabalhos sobre texto, leitura e literatura infantil, o que será fundamental para embasar nossas reflexões e para estabelecer diálogos com o que já foi desenvolvido na área de investigação.

Com isso, a partir deste artigo, pretendemos contribuir para os trabalhos sobre leitura na escola (Castanheira; Santos, 2022; Morais, 2017; Pauliukonis, 2017) a partir de um olhar centrado no texto e nas relações de sentido que atuam na construção das narrativas, sobretudo no âmbito dos contos de fadas.

2 TEXTO E LEITURA NO ENSINO

Ao longo dos anos, houve muitas modificações no que é entendido como texto. Se inicialmente havia a ideia de que texto era sinônimo de texto escrito, isso foi amplamente alterado, tendo em vista, sobretudo, os estudos discursivos, que não apenas focalizavam a materialidade, mas também o não dito, os implícitos, o que só pode ser compreendido na relação entre o texto e o leitor.

É necessário pontuar que, sob esse olhar, o texto não é definido como o que está explicitado na sua superfície. Nessa nova visão, como esclarecem Castanheira e Santos (2022), o texto engloba também as produções orais e as múltiplas semioses das modalidades falada e escrita: a prosódia, os gestos, a cor, o som, o traçado, a fonte das letras, a organização imagética etc. Assim, não são textos apenas notícias, reportagens, editoriais, romances ou poemas, mas também memes, campanhas publicitárias, histórias em quadrinhos, tirinhas, charges e, como destacado neste artigo, contos de fadas.

Com essa ampliação, é preciso haver uma base metodológica e analítica para discutir suas características e reconhecer suas heterogeneidades, que, como fica claro nos diversos trabalhos desenvolvidos cientificamente, são muito grandes (Castanheira; Santos, 2022; Koch; Elias, 2009, 2016; Ramos, 2009). Textos ilustrados, por exemplo, devem ser vistos pela relação entre imagem e escrita, bem como textos sem ilustrações precisam ser analisados a partir da disposição gráfica das palavras, por exemplo.

Com tantos elementos a serem considerados, como são construídos os sentidos? Castanheira e Lebler (2022) defendem que os sentidos não estão prontos no texto, mas são construídos na interação. Sob esse viés, não há apenas uma interpretação para o que é dito ou escrito, visto que cada um tem diferentes conhecimentos enciclopédicos armazenados em sua cognição e, com isso, fará interpretações singulares sobre um mesmo texto.

Os sentidos, então, são (co)construídos no processo de interação, já que não estão finalizados por quem fala ou escreve. O leitor é também responsável pelo que será entendido, tendo em vista que já tem informações prévias em sua memória sobre o assunto tratado. Quando há imagens, o reconhecimento de um personagem ou de um traço de um ilustrador, por exemplo, fará com que construa de modo distinto o que está sendo enunciado.

Além disso, o contexto é um fator determinante para a interpretação. É preciso situar o texto linguisticamente e também na época, no local, no gênero, no suporte textual e no domínio discursivo, por exemplo. Ou seja, não podemos desvincular o que é dito ou escrito do entorno linguístico e da situação em que aquilo está inserido e, por isso, a construção dos sentidos também está vinculada ao contexto, que engloba aspectos da materialidade e também da situacionalidade.

Diante desse novo olhar para o texto, questões sociocognitivas e interativas são consideradas e os elementos linguísticos são mapeados de modo entrelaçado aos aspectos

visuais e sonoros e, por essa razão, é preciso (re)pensar como trabalhar a leitura em sala de aula. Se antes essa reflexão não era simples, com os recentes desdobramentos, se torna ainda mais complexa e multifacetada.

Elaborar e fazer na prática docente atividades de leitura é um grande desafio, já que, cada vez mais, há novos gêneros, novos contextos comunicativos, novas demandas informacionais etc. Diante disso, é preciso que haja muito cuidado para não fazer meras atividades de "copiação" (Marcuschi, 1996), ou seja, aquelas em que há apenas a repetição das informações presentes nos textos sem uma efetiva interpretação do que está dito ou escrito.

Como realizam Morais (2017) e Pauliukonis (2017), trabalhos com essa perspectiva devem tornar o texto o grande foco da aula por meio de um olhar centrado no discurso e em uma visão sociocognitiva. Por meio de atividades de leitura, é possível construir caminhos para a interpretação dos textos por meio de questões pré-textuais, textuais e pós-textuais que sejam capazes de articular diferentes eixos de ensino e de prática docente.

Um dos pontos centrais no ensino de texto e leitura é a caracterização do texto a ser trabalhado. A necessidade de refletir sobre o recorte textual adotado envolve, ao menos, em geral, a discussão sobre o gênero. Como aponta Castanheira (2023b), os conceitos de análise de gêneros estão ligados e podem ser relacionados a partir de diferentes olhares teóricos que podem se entrelaçar em pesquisas linguísticas e práticas pedagógicas.

Bezerra (2017) esclarece que há uma tendência brasileira de estudar os gêneros textuais por um viés "mais geral". Nessa visão, os estudos bakhtinianos basilares sobre o tema são considerados e comumente são articulados com os trabalhos de autores brasileiros, como Luiz Antônio Marcuschi. Os gêneros podem ser entendidos para esses autores como formas relativamente estáveis caracterizadas por questões de estilo, tema e composição, que abarcam os usos linguísticos, os assuntos e a estrutura dos gêneros.

Neste artigo, destacamos especificamente o gênero conto de fadas, que é caracterizado por pertencer ao domínio literário e ser predominantemente narrativo. Além disso, é marcado por sua construção milenar e suas inúmeras releituras, que possibilitam novos olhares para histórias aparentemente esgotadas.

Isso fica evidente pela análise feita por Caldeira e Castanheira (2023). Os autores observam o livro *A verdadeira história dos três porquinhos* e constatam que há uma reconstrução de sentidos, dado que a narrativa é contada pela perspectiva do Lobo Mau, que apresenta um olhar bastante diferente daquele que é geralmente associado à obra. Em sua versão, ele foi uma vítima da imprensa e apenas agiu conforme as circunstâncias.

Como estratégia, o livro se vale de questionamentos quanto ao fato de muitos dos possíveis leitores também comerem carne, por exemplo. Além disso, as ilustrações podem provocar diferentes reações, já que constroem o Lobo de modo inicialmente confiável e centrado e, por fim, como alguém que pode ser visto como vítima da situação, atrás das grades e pedindo ajuda.

Para discutir os contos de fadas, então, é preciso considerar suas características. Essas, no geral, estão descritas nos estudos de Literatura Infantil e Juvenil, sendo mapeadas e sistematizadas por autoras como Abramovich (1989), Coelho (2000) e Santos e Cuba Riche (2016). Essas pesquisadoras esclarecem que esses textos têm características típicas (elementos mágicos, rainhas, reis, fadas, heróis) que se entrelaçam a ilustrações singulares.

Abramovich (1989) sistematiza tal relação: a fada, a princesa e a mocinha costumam ser brancas, com cabelos grandes e olhos claros; a mulher negra costuma ser cozinheira ou lavadeira; o mocinho e o príncipe costumam ser altos e fortes; os pais costumam usar óculos, barba e ter um indicativo profissional; os reis costumam ser velhos, com coroas na cabeça, barbas brancas e longas; as tias, as vizinhas e as professoras

costumam usar cabelos presos, não têm charme e são solteironas; os avós costumam ser velhos, estar sentados e, se falam, contam histórias muito antigas que parecem lendas.

Com o tempo, porém, isso vem se modificando, com o maior protagonismo para crianças negras e a representação feminina de modo mais emancipatório, como nos livros *Amoras*, escrito por Emicida e ilustrado por Aldo Fabrini, *Menina bonita do laço de fita* e *A princesa que escolhia*, escritos por Ana Maria Machado e ilustrados, respectivamente, por Rosana Faria e Mariana Massarani. Com isso, fica claro o papel da ilustração para a construção dos sentidos do texto e dos contos de fadas em geral, já que a história não deve ser contada apenas pela materialidade linguística, mas também pelos elementos imagéticos que estão presentes. Como cada personagem é representado explica, por exemplo, a visão ideológica construída na obra.

Além disso, essas histórias sempre fazem parte de um contexto histórico e social e, consequentemente, suas novas versões são compostas por alterações e adaptações que estão ligadas ao momento em que estão e às intencionalidades envolvidas na construção textual. É por esse motivo que, a depender da situação em que se inserem, os livros que recontam os contos de fadas clássicos fazem mudanças que se relacionam ao momento vivido.

Isso não significa que os originais devam ser ignorados ou descartados, mas que podem ser relacionados a obras de qualidade atuais. A leitura dos clássicos é essencial e precisa ser considerada de modo integral, mas também pode ser aliada a novos olhares, sobretudo pelo caráter sociocognitivo e histórico dos textos. A obra aqui destacada, por exemplo, sempre apresenta, ao final de cada história, informações sobre versões originais ou mais antigas dos recontos, o que pode ser uma excelente maneira de divulgá-las aos novos leitores.

É central no estudo dos contos de fadas, então, a intertextualidade, que, como esclarece Câmara (2018), é a relação entre os textos. Essencial para mapear as narrativas, esse fenômeno textual explica o funcionamento e a constituição dos textos ao longo do tempo e também pode ser uma relevante estratégia argumentativa, já que ajuda a convencer os leitores por meio de referências já armazenadas em sua cognição, como no livro *A verdadeira história dos três porquinhos*.

A intertextualidade, pois, é um traço típico de muitos contos de fadas, já que suas marcas intertextuais são essenciais para tessitura das histórias, com elementos já conhecidos, bem como adaptações e novas versões de narrativas que os leitores já ouviram ou leram em algum momento da sua trajetória. É o que ocorre, por exemplo, na obra que analisamos, visto que os contos já estão, no geral, na memória das pessoas e é disso que o livro se vale para construir narrativas que surpreendem e quebram as expectativas e os conhecimentos intertextuais.

Neste artigo, como dito, nosso foco é pensar o trabalho com o texto e a leitura na educação básica através de atividades a partir do gênero conto de fadas. Assim, embasamos nossas proposições nos estudiosos aqui citados e também articulamos tais ideias ao recorte metodológico feito: a história “Ora Camalba de Die ou O Dragão”, do livro de Literatura para crianças *Que história é essa?* Tais propostas serão bem desenvolvidas na seção seguinte.

3 UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM DIDÁTICA

No livro *Que história é essa?*, Flavio de Souza narra breves histórias a partir de personagens secundários de grandes contos de fadas tradicionais. Além de proporcionar uma leitura que possibilita às crianças a investigação de conexões com o que já leram

anteriormente, o livro também apresenta textos informativos muito interessantes, nos quais o autor traz dados sobre o conto de fadas utilizado como inspiração — como origem, autoria e contexto —, além de descrever sua ideia ao reconstruir a narrativa.

As narrativas utilizam a estrutura de três grandes momentos bem definidos: uma apresentação inicial, um momento de clímax ou conflito e uma finalização com o desfecho do conflito, mas não aquele presente nos contos de fadas tradicionais. No caso de *Que história é essa?*, o final da história está centrado em solucionar o percurso vivido pelo personagem escolhido pelo autor, e não em retomar o final feliz tão conhecido do conto de fadas original.

Em "Ora Camalba de Die ou O Dragão", quem narra a história "A Bela Adormecida" é um personagem secundário, o Dragão, caracterizado como um animal que come salsichas. Ao final, percebemos que o mais relevante na história não é o final feliz do príncipe e da princesa, mas sim a forma bem-humorada e irônica com a qual o dragão conta sua aventura na Terra, já que ele morava na lua.

Como já mencionado, nesta investigação, ressaltamos a importância do trabalho com os contos de fadas em sala de aula e, com base nesse grande enfoque, iremos propor metodologicamente, por meio da pesquisa-ação, atividades didáticas pré-textuais, textuais e pós-textuais, tendo em vista, também, o programa curricular do 6° ano do Ensino Fundamental II.

O pressuposto básico de tais atividades é a promoção de uma interface entre Texto e ensino, caracterizada pela centralidade do texto como objeto de ensino aprendizagem. Nesse sentido, utilizamos o aporte teórico dos estudos do texto (Castanheira; Santos, 2022; Koch; Elias 2016), com o intuito de oferecer um tratamento mais qualificado com a leitura. Desse modo, pensamos em uma proposta didática que abarque a função dos elementos linguísticos na tessitura textual; a questão das tipologias textuais; o foco nos efeitos de

sentido; a análise dos elementos verbo-visuais de maneira integrada e também o fenômeno da intertextualidade.

A fim de iniciar a abordagem dos textos em sala de aula, precisamos elaborar estratégias pré-textuais, que funcionam como motivação para a leitura e também como uma verificação dos conhecimentos dos alunos sobre os referentes que serão construídos e o tema que será abordado. De modo pré-textual, é necessário ler e discutir, por exemplo, o título. Perguntar se os alunos já ouviram ou já leram a história “Ora Camalba de Die ou O Dragão” em casa, em um livro ou na internet é um bom início. Caso suas respostas sejam negativas, é possível pedir que eles levantem hipóteses sobre qual seria a história a ser contada.

Como a proposta aborda uma história que mantém relação intertextual com outro conto de fadas, uma opção seria conversar com os alunos também sobre as características dos contos de fadas que eles conhecem. Uma das possibilidades seria citar o personagem Dragão, que dá título à história de Flavio de Souza e que está ilustrado logo abaixo do título. Elaborar perguntas orais é importante. Algumas possíveis são: “vocês conhecem algum conto que tenha um dragão? E filmes? Como são os dragões? Este dragão parece ser um pouco diferente?”. Além disso, também é possível levar imagens, citar filmes e/ou livros que façam parte do universo dos estudantes.

Na etapa textual, é importante, especialmente para o Ensino Fundamental II, oferecer atividades que forneçam aos estudantes um percurso de leitura que o auxilie na construção dos sentidos. Inicialmente, é preciso ler de modo coletivo o texto, dando protagonismo à leitura dos alunos e não apenas lendo para que eles ouçam. Isso pode ser feito, por exemplo, por meio de rodas de leitura, alternando quem lerá a narrativa em cada momento, o que mudará a organização típica da turma e poderá provocar efeitos pedagógicos bastante positivos.

Além disso, é necessário trabalhar com a verificação de leitura por meio de níveis de identificação e de interpretação mais objetivos: qual o tema, quais são os personagens, o que é narrado, como isso é feito, como a história pode ser dividida etc. Isso fará com que a turma "caminhe em conjunto", havendo um trabalho coletivo sobre o texto, que possibilitará a todos a partida de um *locus* em comum.

É importante, ainda, na etapa textual, selecionar elementos estruturais e/ou linguísticos com esse objetivo, conforme descrito no Quadro 1:

Quadro 1 - Elementos estruturais da narrativa

Estrutura da narrativa	Destacar os elementos, como a expressão "era uma vez", demarcar, por exemplo, situação inicial, clímax, desfecho.
Personagens (protagonistas/antagonistas/personagens secundários)	Destacar os personagens clássicos dos contos de fadas, como príncipes, princesas, bruxas, o dragão. Na história escolhida, o ponto de vista é do Dragão, sendo importante fazer com que os alunos percebam isso para, inclusive, comparar com outras histórias.
Identificação de elementos mágicos	Destacar a presença de elementos como varinha de condão, por exemplo, que ajudam o protagonista a conseguir o seu objetivo. Em "O Dragão", a bruxa é a personagem que detém o elemento mágico.
Tempo/espaço	Destacar os elementos linguísticos que denotem a demarcação do tempo/espaço e como tais elementos atuam na construção da coerência da narrativa.
Narrador	Destacar se o narrador participa ou não da história e o modo como ele desenvolve a narrativa.

Fonte: Elaboração própria (2024)

Tais elementos podem ser destacados por meio de perguntas, como "quem conta a história?", ou pedir para destacar/sublinhar no texto elementos que indicam tempo e espaço. Também é possível trabalhar tais conteúdos por meio de imagens. Assim, o docente pode pedir para que os alunos circulem, na Figura 1, ou em imagem análoga, as

personagens presentes na história "Ora Camalba de Die ou O Dragão". Tal atividade visa, de forma lúdica, sistematizar os elementos típicos do gênero conto de fadas.

Figura 1 - Personagens para a história

Fonte: Google imagens (2024)

Por meio dessa atividade, haverá o reconhecimento dos elementos típicos dos contos de fadas e os que estão efetivamente na história "Ora Camalba de Die ou O Dragão", de Flavio de Souza. Ao constatar, por exemplo, que há um dragão, um cavalo, um príncipe, uma princesa e uma bruxa, mas não existem um rei ou uma rainha, o aluno tende a perceber que, mesmo havendo tendências gerais de construção nessas histórias, há também possibilidades variáveis, com elementos que podem, ou não, estar presentes.

Outra possibilidade é elaborar um quadro, uma tabela ou uma síntese usando as imagens da história, para apresentar personagens aos alunos. Isso pode ser feito no quadro ou por meio de recursos digitais disponíveis a depender da realidade de cada docente em sala de aula. Ressaltamos aqui a importância de relacionar o conteúdo verbal ao não verbal, demonstrando como as imagens também veiculam sentidos e não podem ser descartadas no ato da leitura.

Uma proposta é a seguinte:

Quadro 2 - Personagens da história

Personagem	Características
Dragão	Mora na lua, é divertido e tem hábitos infantis.
Bruxa	Faz maldades, faz acordo com o dragão e promete que vai lhe dar salsichas.
Príncipe encantado	É educado, gentil, não tem medo do Dragão e faz um acordo para resgatar a princesa.

Fonte: Elaboração própria (2024)

Com essa estratégia, é possível demonstrar que a construção da história está diretamente relacionada às características dos personagens e à tessitura imagética. Embora no Quadro 2 não tenhamos inserido as imagens, devido aos direitos autorais, isso deve ser feito pelo docente, se possível. Para demonstrar que o Dragão é derrotado pelo Príncipe “de mentirinha”, seus olhos e sua boca são construídos de modo a observar o leitor e também fingir que perdeu a batalha. Do mesmo modo, o ato de a Bruxa levar o Dragão da lua para a Terra é feito por meio do material verbal, ou seja, do que é dito, mas também pela imagem, com ela levando-o montada em sua vassoura e seguida por ele voando em direção ao nosso planeta.

Outro ponto é que, nos contos de fadas, os argumentos desenvolvem-se dentro da magia em que reis, rainhas, príncipes, princesas, bruxas, anões, entre outros elementos, estão presentes, em um tempo e um espaço fora da realidade conhecida, com ou sem a presença das fadas. O eixo gerador dessas narrativas é uma problemática existencial, cujo núcleo é a realização do herói ou da heroína, ligada à união homem-mulher. Para sagrar-se herói e atingir seus objetivos, a personagem do conto de fadas precisa vencer obstáculos ou provas para alcançar sua autorrealização existencial, seja pelo encontro de seu verdadeiro eu, seja pelo encontro da princesa, que encarna o ideal a ser alcançado (Coelho, 2000, p 13).

Dessa forma, é necessário sistematizar com os alunos a caracterização do gênero. Além disso, também pode ser útil explicitar o seu propósito comunicativo: os contos de fadas não têm a função de contar uma história real, mas a de levar o leitor a um mundo encantado onde, por exemplo, um rei anda nu achando que está de roupa nova, um patinho considerado feio transforma-se num lindo cisne, entre outros exemplos. Por fim, também é igualmente necessário demarcar marcas linguísticas prototípicas do gênero, como a expressão "era uma vez", "fim", as marcas temporais, além de outras possibilidades.

Isso pode ser feito por meio do destaque dos efeitos de sentido decorrentes do uso de determinadas expressões linguísticas, prototípicas do gênero. Nessa sugestão, procuramos manter o foco nos usos linguísticos que, geralmente, estão listados nos currículos do 6º ano, como substantivos e adjetivos. Além disso, é sempre importante enfatizar algum recurso que tenha se destacado no texto escolhido, como sugerido abaixo:

Quadro 3 - Recursos linguísticos

Elementos da tipologia narrativa que demarcam a passagem do tempo.	Observar a sequência de verbos, como "passou um tempão, passaram-se dias, passaram-se anos" ou "o dragão olhou, olhou, olhou".
Uso de linguagem figurada e seus efeitos de sentido.	Explorar o significado de expressões como "olhou com rabo de olho"/ "lugar onde nem uma mãe consegue achar o filho", por exemplo.
Uso de substantivos e adjetivos.	Explorar o uso do par substantivo/adjetivo nas caracterizações de personagens, como "príncipe encantado", por exemplo.
Uso de afixos de dimensão, sua estrutura e os efeitos de sentido que veiculam.	Discutir o uso, recorrente na história lida, de afixos de grau, como "tempão", "montão", "barulhinho", "paradinho".

Fonte: Elaboração própria (2024)

Nesse quadro, destacamos, somente alguns exemplos de recursos linguísticos a fim de demonstrar possibilidades de trabalho com o uso da língua. Para além de realizar atividades de descrição linguística, a seleção de tais elementos fornece pistas de leitura aos

estudantes, corroborando com o que postula Koch (2002). Desse modo, a atividade de interpretação textual se torna mais concreta e acessível aos discentes, especialmente, aos do ensino fundamental. Ademais, os alunos podem perceber como a progressão da narrativa está associada ao uso de determinados elementos da língua e explorar efeitos de sentido, partindo de elementos do texto, situados e contextualizados. Tais atividades são ferramentas úteis para desmistificar a ideia de que interpretação textual é uma disciplina de "achismos" e também dirimir quaisquer dificuldades de leitura que os alunos, por ventura, possam apresentar.

Outro ponto a ser debatido em relação à narrativa "O Dragão" é o questionamento final (Castanheira, 2023a). No fim da história, é interrogado ao leitor: "Que história é essa?". Isso pode ser trabalhado com os alunos, dado que tende a gerar o levantamento de hipóteses sobre qual a narrativa contada. Mesmo com algumas pistas ao longo da obra, é possível que alguns estudantes não consigam rememorar a história "A Bela Adormecida", já que o foco na história do Dragão e seu detalhamento podem desviar a focalização que seria dada pelos alunos, além de alguns elementos presentes (dragão, príncipe, bruxa) serem comuns de variadas narrativas infantis.

Após esse ponto, é possível discutir a seção "O dragão não era a bruxa?" que explica que a história intitulada "Ora Camalba de Die ou O Dragão" é "A Bela Adormecida" com letras embaralhadas. No livro, é explicado que o leitor pode achar que a história está errada, mas que, na verdade, há diferentes versões e que o estúdio de Walt Disney não a inventou, mas a adaptou da versão de 1697 do escritor francês Charles Perrault. Também é esclarecido que, na verdade, não se sabe quem criou a história e que há muitas variações disseminadas ao longo dos anos e que o leitor também pode contá-la da sua maneira.

O debate dessa parte da história possibilita o diálogo com outras histórias, o que pode ser bem trabalhado por meio da ideia de intertextualidade, que é um dos traços típicos dos contos de fadas. Nesse sentido, ressaltamos a relevância de explorar com os estudantes as marcas de intertextualidade presentes na história, por se tratar de uma ferramenta importante de leitura. Além disso, para a construção de sentidos, também é importante compreender os efeitos de sentido gerados pelos recursos intertextuais. Assim, pensamos no seguinte quadro, que estabelece uma comparação entre a história de "A bela adormecida", texto com o qual a história escolhida mantém relações intertextuais, e o "O Dragão":

Quadro 4 - Elementos intertextuais

Elementos da narrativa	A Bela Adormecida	O Dragão
Presença dos personagens (bruxa, príncipe, reis e rainhas, dragão).	Personagens principais são os membros da realeza.	O ponto de vista da narração recai sobre o dragão, um personagem secundário na história original.
A percepção da passagem do tempo, relacionando à maldição.	A passagem do tempo dimensiona o impacto da maldição lançada sobre a princesa e realça o desafio enfrentado pelo príncipe.	A passagem do tempo é destacada com humor. Destaca-se o tédio do dragão ao esperar cem anos para a aparição do príncipe encantado.
Final da história	Final feliz com a superação dos obstáculos.	O foco não está no final do príncipe e da princesa, mas sim no Dragão e suas impressões sobre a história. Final com tom irônico/bem-humorado.

Fonte: Elaboração própria (2024)

Nesse quadro, escolhemos alguns elementos da narrativa para explorar a relação intertextual com o conto de fadas "A Bela Adormecida". O professor pode estabelecer essa comparação com os alunos ou explorá-la por meio de perguntas, comparando trechos das obras a fim de denotar como a versão contada pelo Dragão é irônica e bem-humorada.

Outro ponto a ser destacado com essa comparação é a mudança de perspectiva da história por meio de diferentes versões (Castanheira, 2023a). Como a nova história tem objetivos comunicativos diferentes e está inserida em um livro que focaliza o olhar de figuras coadjuvantes, é esperado que haja alterações em sua constituição, em seus personagens, em sua tessitura e em seu desfecho. Novas histórias necessitam de novas narrativas, de novas semioses e de novas estratégias de construção textual, visto que a construção de sentidos não será a mesma.

Seria interessante, sob essa perspectiva, ampliar o repertório de leitura, selecionando outros textos que dialoguem com a temática e também com o gênero, a fim de explorar relações intertextuais. Há textos curtos, como “O príncipe desencantado”, também do autor Flavio de Souza, ou de outros gêneros, como tirinhas, propagandas e piadas de grande circulação na internet, que poderiam compor uma coletânea com foco nos contos de fadas. Essa ampliação do repertório inicial pode ser uma ferramenta para estimular a fruição/o gosto pela leitura, já que seria possível trabalhar textos com propósitos comunicativos distintos.

Por fim, ainda pensando em atividades voltadas para o ensino básico, sugerimos atividades que culminem em uma produção textual pelos estudantes. De acordo com Abreu (2021), um projeto de produção textual, para qualquer nível do ensino básico, deve cogitar uma relação de *continuum* entre as práticas de linguagem que envolvem leitura e análise linguística. Portanto, qualquer proposta de produção textual não deve vir dissociada do trabalho de leitura, de análise do gênero e de seu propósito comunicativo, bem como de seus recursos verbo-visuais.

Desse modo, após a sistematização do gênero e das atividades de leitura/análise linguística, seria interessante propor a produção de algum texto. Uma possibilidade seria pedir que os alunos escolhessem outro personagem de “A Bela Adormecida”, como a

bruxa, por exemplo, para contar o seu ponto de vista sobre a história, como se fosse uma continuação do livro de Flávio de Souza. Outra possibilidade seria pedir para que os alunos mudassem o final da história lida, por meio de perguntas orais: "e se o Dragão não deixasse o príncipe chegar até a princesa? E se o Dragão acordasse a princesa? Há uma forma de a princesa conseguir acordar sozinha? Como seria esse final?", entre outras possibilidades.

Também seria possível partir de alguma imagem de contos de fadas e solicitar que os alunos escolhessem elementos prototípicos dos contos de fadas, como lugar, elemento mágico ou personagens, a fim de auxiliar os discentes na etapa do planejamento textual. Ademais, seria possível retomar, oralmente, as características principais dos contos de fadas de modo a orientar a produção dos estudantes. Destacamos, ainda, que trabalhar com textos verbo-visuais, atualmente, pode ser uma forma de atrair a participação dos alunos e tornar a atividade mais dinâmica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a importância da leitura de textos na sala de aula, neste artigo, procuramos estabelecer, por meio de atividades pré-textuais, textuais e pós-textuais, possibilidades de trabalho com a leitura no 6º ano do Ensino Fundamental II da história "Ora Camalba de Die ou O Dragão", presente na premiada obra *Que história é essa?*, escrita por Flavio de Souza, ilustrada por Pepe Casals e publicada pela Companhia das Letrinhas. Nosso foco principal, portanto, foi enfatizar o espaço de leitura no ensino básico, o que mobilizou diferentes olhares sobre o texto selecionado.

Além disso, procuramos demonstrar que os contos de fadas, para além da leitura literária e fruitiva, podem ser abordados a partir de propostas de atividades que

contemplem os múltiplos sentidos presentes em um texto literário sob um olhar sociocognitivo, interacional e discursivo. Assim, procuramos avançar para além de questões temáticas, integrando, sobretudo, práticas de leitura e produção textual.

Ressaltamos, por fim, que tais atividades não pretendem esgotar nem reduzir as possibilidades de abordagem do texto selecionado, mas apresentar um caminho possível que permita, inclusive, minimizar dificuldades de leitura que afastam os alunos da leitura de diferentes textos, sejam esses literários ou não literários. Tais iniciativas são relevantes para que haja uma ampliação analítica e pedagógica em relação ao ensino de leitura de diferentes gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

A. Bibliografia ficcional

SOUZA, F. **Que história é essa?** Ilustrado por Pepe Casals. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

B. Bibliografia técnica

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

ABREU, M. T. V. **Leitura e Produção textual para nativos e não nativos**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021.

BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

CALDEIRA, D.; CASTANHEIRA, D. Análise da obra “A verdadeira história dos três porquinhos”. **Revista Philologus**, v. 29, p. 43-54, 2023.

CAMARA, T. Texto e intertextualidade. *In*: COELHO, F. A.; SILVA, J. N. (org.). **Ensino de Língua Portuguesa**: teorias e práticas. Rio de Janeiro: Gramma, 2018. p. 229-246.

CASTANHEIRA, D. “Que história é essa?”: leitura e literatura infantil no ensino. *In*: SPAZIANI, L.; CAMARGO, P. G.; POZZA, R. H. F. F. (org.). **Faces da leitura e da escrita:** teorias e práticas. São Paulo: Editora Na Raíz, 2023a. v. 4, p. 29-46.

CASTANHEIRA, D. Tópicos em análise de gêneros. *In*: DALADO, R. S.; ADORNO, V. M. (org.). **Diálogos científicos**: literatura, linguística, educação e interartes. Campo Grande: Cine-Fórum UEMS, 2023b. p. 323-337.

CASTANHEIRA, D.; LEBLER, C. D. C. Linguística de Texto: perspectivas de interface. **Revista Rascunhos Culturais**, v. 13, p. 22-41, 2022.

CASTANHEIRA, D.; SANTOS, L. W.. Linguística de Texto e leitura: propostas didáticas e reflexões para o ensino. *In*: ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F. (org.). **Leitura e ensino de língua**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 301-330.

COELHO, N. N. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

KOCH, 2002. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar.** São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, L. A. Exercícios de compreensão ou copiação nos manuais de ensino de língua? **Em Aberto**, v. 16, n. 69, p. 64-82, 1996.

MORAIS, M. Desvendando as trilhas do texto: uma abordagem do ensino de leitura por meio da referenciação. **Letras em Revista**, v. 8, p. 86-100, 2017.

PAULIUKONIS, M. A. Os componentes linguísticos e extralinguísticos na construção dos sentidos. **Diadorim**, v. 19, p. 78-98, 2017.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, L. W.; CUBA RICHE, R. M. Paródia de Conto de Fadas. **SEDA – Revista de Letras da Rural**, v. 1, n. 2, p. 137-151, 2016.

SANTOS, L. W.; CUBA RICHE, R. M.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos.** São Paulo: Contexto, 2012.